

## **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa — Rio de Janeiro — Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **Adaptações e Livros Baratos para a Corte: Folhetos editados na Impressão Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822**

Simone Cristina Mendonça de Souza<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas

#### **Resumo**

A Impressão Régia do Rio de Janeiro foi inaugurada com as funções práticas de publicar documentos e de suprir a escassez de livros didáticos. Posteriormente, imprimiu obras beletrísticas, entre as quais, livros de prosa de ficção, cujo formato editorial se assemelha ao dos livros que compunham a chamada *Bibliothèque Bleue*. Entre as semelhanças, citamos o fato de que são compostos por adaptações ou capítulos de outros livros. Além disso, dado o caráter de resumo das narrativas, seus enredos se apresentam de maneira recortada, o que dificulta a compreensão. Vislumbrando um quadro de habitantes do Brasil no início do séc. XIX, formado basicamente pela Corte de D. João VI, escravos e alguns comerciantes, levantamos uma dúvida quanto à função dessas versões de textos em prosa, que, no caso francês, foram destinadas aos trabalhadores pobres, mas alfabetizados.

#### **Palavras-chave:**

Prosa de ficção, século XIX, história editorial.

A Impressão Régia do Rio de Janeiro, inaugurada por D. João VI em 13 de maio de 1808, viria mudar o quadro de ausência de tipografias no Brasil, proibidas e perseguidas com rigor pela metrópole. Com a chegada da Corte portuguesa, se fazia necessária a impressão de documentos oriundos da burocracia administrativa, que para esta terra se mudara. Além disso, D. João tomou providências para que fossem criadas instituições de

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, Doutoranda em Teoria e História Literária pela mesma instituição, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. [simonems@hotmail.com](mailto:simonems@hotmail.com)

ensino, como a Academia Militar, fundada em 1810, e nossa primeira casa impressora, que parecia deter somente a função primeira e prática de calcar seus tipos em papéis oficiais, passou a se dedicar à publicação de obras de caráter didático, para sanar a escassez das mesmas nos estabelecimentos de ensino recém inaugurados.

E é realmente por estas duas funções, e nesta ordem, que a Imprensa Régia é lembrada nos compêndios de história do Brasil e nas publicações sobre a historiografia da Imprensa brasileira, além da notória perenidade da casa editorial, nomeada atualmente Imprensa Nacional, que, desde de 1862, é responsável pelos Diários Oficiais que divulgam as leis e decisões do Governo.

Mesmo com um decreto de fundação que permitia a impressão de qualquer obra (desde que esta obtivesse todas as licenças necessárias), parece soar estranho imaginarmos que a Imprensa Régia do Rio de Janeiro tenha editado também romances<sup>2</sup>, esses livros de prosa de ficção, de caráter popular e tão mal vistos pelos críticos e intelectuais no século XVIII e início do XIX, que os consideravam leituras frívolas, inúteis e de perda de tempo.<sup>3</sup>

Entretanto, consultando os periódicos<sup>4</sup> que circularam em nosso país no período de 1808 a 1822 e os autores que até o momento trataram das publicações da Imprensa Régia<sup>5</sup>, elencamos a seguinte lista de livros em prosa de ficção, possivelmente publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro<sup>6</sup>:

---

<sup>2</sup> Para fins de nomenclatura, designaremos doravante os livros de nosso objeto de pesquisa como romances, mesmo conhecendo os outros nomes que estes receberam dos livreiros anunciantes e autores que deles trataram até o momento, já que na época em que foram publicados esses textos havia ainda muita confusão dos termos conto, história, novela e romance, sendo possível até mesmo usar um vocábulo pelo outro. Cf ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. pp. 265-6.

<sup>3</sup> Para ler mais: ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos Livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. pp. 267-289.

<sup>4</sup> *Gazeta do Rio de Janeiro; Diário do Rio de Janeiro; O Patriota: jornal literário, político, mercantil*.

<sup>5</sup> CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*, Typographia Nacional, 1881. CAMARGO, Ana Maria de Almeida e MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993, 2. Vol.

<sup>6</sup> Foram localizados, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *História da Donzela Theodora, As Duas Desafortunadas; Triste Efeito de huma Infidelidade; O Castigo da Prostituição e Carta de Heloaze a Abailardo*. No Acervo pessoal do bibliófilo José Mindlin, encontramos *O Diabo coxo, A História dos dois Amantes ou no Templo de Jatab; Paulo e Virgínia e Aventuras Pasmosas do Celebre Barão Munkausen*. No exterior, há ainda o romance *A filósofa por amor, ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*, alocado em Lisboa, na biblioteca da Universidade Católica João Paulo II. Todos estes com a seguinte inscrição na folha de rosto: "Rio de Janeiro. Na Imprensa Régia".

1. *O Diabo Coxo, verdades sonhadas e novellas da outra vida traduzidas a esta.* Por &c. Nova Edição. Tomo Primeiro e Tomo segundo. 1810. Com licença de S.A.R.
2. *A Filósofa por amor, ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos.* Traduzida do Hespanhol. Nova edição, 1810.
3. *A Choupana India, escripta em francez pelo autor de Paulo e Virginia (o abbade Saint-Pierre), e vertida em portuguez.* 1811.
4. *Historia de dois amantes ou o templo de Jatab.* Traduzida e accomodada por J. P.S.A. Nova edição. 1811. Com licença de S.A.R.
5. *Paulo e Virginia: Historia fundada em factos traduzida em vulgar.* Nova edição. 1811. Com licença de S.A.R.
6. *Cartas de huma peruviana, traduzidas do francez na lingua portugueza por huma senhora.* Tomo I, 1811 e Tomo II, 1812.
7. *Carta de Heloaze a Abailardo.* Nova Edição. 1812.
8. *Aventuras pasmosas do celebre Barão Munkausen Que contém hum resumo de viagens, campanhas, jornadas e aventuras extraordinárias igualmente A descripção de huma viagem á Lua e Canicula.* Traduzido do inglez por A...J... 1814. Com licença de S.A.R.
9. *O amor offendido, e vingado.* Novella. 1815.
10. *A boa mãe.* Novella: traduzida do francez. 1815.
11. *O Bom marido.* Novella: traduzida do francez. 1815.
12. *O Castigo da Prostituição.* Novella: Traduzida do francez. 1815. Com Licença.
13. *As duas desafortunadas.* Novella: traduzida do francez. 1815. Com licença.
14. *Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria.* Traduzida do Castelhana em Portuguez. Por Carlos Ferreira Lisbonense. 1815. Com licença.
15. *História verdadeira da princeza Magalona, filha delrei de Napoles, e do nobre, e valeroso cavalleiro Pierres Pedro de Proença, e dos muitos trabalhos, e adversidades que passárão, sendo sempre constantes na fé, e virtudes; e como depois reinarão, e acabárão a sua vida virtuosamente no serviço de Deus.* 1815.

16. *A infidelidade vingada*. Novella: traduzida do francez. 1815.
17. *A Má Mãi*. Novella: traduzida do francez. 1815.
18. *Triste effeito de huma infidelidade*. Novella: traduzida do francez. 1815. Com licença.
19. *O crime mais horroroso ou o amigo traidor*. Novella. 1816.
20. *A cadelinha pelo author do Piolho Viajante*. 1816.
21. *Combate das paixões*. Novella. 1816.
22. *Lausus e Lydia*. Novella. 1816.
23. *Metusko, ou os Polacos*. Novella. 1816.
24. *Recreio domestico, ou Ramalhete de Novellas, historias, contos, &c.* 1816.
25. *Aventuras galantes de dois fidalgos estudantes, ou a historia admiravel da famosa Cornelia*. 1818.
26. *Carta escrita pela Senhora de \*\*\* residente em Constantinopla a huma sua Amiga, em que trata das mulheres Turcas, do seu modo de viver, divertimentos, vestidos, maneira de tratar os maridos, &c.* 1819.
27. *Renato, Epizodio do Genio do Christianismo, e as Aventuras de Aristono*. 1821.
28. *Cartas americanas*. 1822.
29. *Cartas familiares amorozas, e ternas de huma amante a seu apaixonado*. 1822.
30. *A Farofia, ou loucura dos Casamentos por hum Ratazana*. 1822.
31. *Perigos descobertos*. 1822.

Dentre os romances listados, gostaríamos de comentar o processo de composição e o formato editorial de alguns deles. *Carta de Heloaze a Abailardo*, por exemplo, foi escrita originalmente em versos e publicada em 1717, numa coleção de obras do poeta inglês Alexandre Pope (1688-1744), sob o título de *Eloisa to Abelard*<sup>7</sup>. Essa carta foi impressa pela primeira vez em Língua Portuguesa no ano de 1785, na cidade do Porto, em Portugal, como indica Gonçalves Rodrigues<sup>8</sup>, que cita ainda uma edição em verso, datada de 1801, também em Língua Portuguesa, mas impressa em Londres, pela Officina C. Lane, in 8?

<sup>7</sup> DRABBLE, Margaret & Stringer, Jenny. *Concise Companion to English Literature*. New York: Oxford University Press, 1996. pp. 463-4.

<sup>8</sup> Rodrigues, A. Gonçalves. *A tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da moeda. 1992.

com 42 páginas, cujo título seria *Epistola de Heloiza a Abailardo*. Em 1819, foi editada em prosa pela Impressão Régia de Lisboa<sup>9</sup>, no formato in 8º, com 40 páginas; e, pela Officina J. R. d'Andrade, no mesmo formato, porém com 46 páginas, ambas as edições com o título *Carta de Heloisa e Abailard*.<sup>10</sup> No Brasil, a Impressão Régia do Rio de Janeiro, publicou a *Carta de Heloaze a Abailardo*<sup>11</sup> em 1812, numa edição de 29 páginas, anunciada na Gazeta do Rio de Janeiro pelo preço de 320 réis.

Já o romance *As duas desafortunadas*, provavelmente tenha sido publicado entre os anos de 1761 e 1771, no livro *Contes Moraux*, do francês Jean François Marmontel (1723-1799). Os Contos pretendiam veicular idéias sentimentais e edificantes e com os mesmos o autor alcançou grande sucesso, na França e em outros países. Marmontel publicou, inclusive, seus *Nouveaux Contes Moraux*, em 1792<sup>12</sup>. Traduzidos do Francês para o português, esses contos foram publicados no ano de 1785, pela Officina Antonio Alvarez Ribeiro, com o título *Contos moraes para entretenimento e instrucção das pessoas curiosas. Extrahidas dos melhores auctores*<sup>13</sup>. Em 1815, foram re-editados pela Impressão Régia de Lisboa, dentre os quais figurava *As duas desafortunadas*. Ao que tudo indica, os contos foram posteriormente separados e publicados sob a forma de pequenos romances de cerca de 30 páginas, pela mesma casa, no ano de 1818<sup>14</sup>. Em 1815, a Impressão Régia do



idem

Rio de Janeiro publicou *As duas desafortunadas*<sup>15</sup>, que foi anunciado nos anos de 1816 e 1817 na *Gazeta do Rio de Janeiro* como “novella”, pelo preço de 320 réis.

*Triste efeito de huma infidelidade* foi retirado da coleção francesa *Les Mémoires et Aventures d'un homme de qualité*, escrita

<sup>10</sup> Os dois livros podem ser encontrados na Universidade Católica João Paulo II, em Portugal com a cota: L 6602 P.

<sup>11</sup> Há dois exemplares na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Obras Raras: (37, 5, 23) e (37, 5, 23 A).

<sup>12</sup> DEMOUGIN, Jacques (direction de). *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*. Paris: Larousse, 1994. 1994. op. cit.

<sup>13</sup> RODRIGUES, A. G. 1992. op. cit.

<sup>14</sup> *As duas desafortunadas*. Conto moral traduzido do francez por \*\*\*. Lisboa. Na Impressão Regia. 1818. Com Licença. Localizado na Universidade Católica João Paulo II, cota: L 6602 P, encadernado juntamente com vários livretos curtos publicados pela mesma casa.

<sup>15</sup> Localizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Obras Raras: (37, 10, 8).

por Antoine François Prévost (1697-1763), e publicada originalmente por volta de 1730. É possível que as *Aventuras de hum home de qualidade, ou memórias e sucessos do Márquez de Renoncour* sejam uma tradução ou adaptação do último volume da coleção, denominado *l'Histoire du Chevalier des Grieux et de manon Lescault*<sup>16</sup>. Traduzidas para o português, as *Aventuras* foram publicadas em 1792 e em 1811 pela Officina Simão Thadeo Ferreira, in 8º e com 369 páginas. O segmento *Triste effeito de huma infidelidade* foi impresso pela primeira vez em língua portuguesa, na cidade do Porto, em 1785 e, no ano de 1818, em Lisboa, pela Impressão Régia<sup>17</sup>. No Brasil, com o mesmo título, foi publicado em 1815 pela Impressão Régia do Rio de Janeiro<sup>18</sup> e anunciada em 24 de janeiro do ano seguinte, no jornal *Gazeta*, pelo preço de 320 réis.

Em contraponto, *A filósofa por amor ou cartas de dous amantes apaixonados, e virtuosos*, escrito por Retif de la Bretonne (1734-1806), que para compor o romance adaptou a primeira parte da *Nouvelle Heloise*, de Jean Jacques Rousseau, foi publicado pela primeira vez em Paris, no ano de 1766. A primeira edição portuguesa data de 1806<sup>19</sup>, traduzida de uma versão espanhola, por Luis Caetano de Campos (1750-1820), que, tendo viajado por diversos países da Europa, publicou entre 1790 e 1793, quatro tomos das *Viagens d'Altina nas cidades mais cultas da Europa, e nas principaes povoações dos Balinos, povos desconhecidos de todo o mundo*<sup>20</sup>. No Rio de Janeiro, o primeiro tomo desse romance foi editado no ano de 1810 e o segundo em 1811, com 117 e 105 páginas respectivamente, sob o formato in 8º<sup>21</sup>, os anúncios da *Gazeta* revelam o valor de 1.600 réis para os dois tomos.

Poderíamos pensar o conjunto desses romances como folhetos de literatura popular, devido às suas curtas dimensões, em média 30 páginas, e ao preço dos mesmos,

---

<sup>16</sup> Cf. Rodrigues, A. Gonçalves. *A tradução em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da moeda. 1992. Ver também DEMOUGIN, Jacques (direction de). *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*. Paris: Larousse, 1994

<sup>17</sup> Esta última localizada na Universidade Católica João Paulo II, cota 6602 P.

<sup>18</sup> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Obras Raras: (37, 10, 11).

<sup>19</sup> RODRIGUES, A. G., op. cit.

<sup>20</sup> SILVA, Innocencio Francisco da. Dicionário Bibliográfico Portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e Brasil. Lisboa, 1859. Vol 5, pp. 235-236.

<sup>21</sup> Utilizamos uma cópia do exemplar encontrado na Universidade Católica João Paulo II, cota: CPLE 1894 – CDU 840.94 (044) – NBC: 1136784.

aparentemente acessível de 320 réis<sup>22</sup>. Essa classificação, porém, também apresentaria falhas quando, por exemplo, pensássemos em um exemplar de 222 páginas, em dois volumes cujo valor era de 1.600 réis, como *A filósofa por amor*.

Certamente, os romances não podem todos ser analisados num mesmo grupo, tampouco ser inseridos no quadro dos romances modernos e realistas já consagrados na França e na Inglaterra desde o século XVIII. Às vezes, contrariam muitos de seus requisitos.

Em *Triste efeito de huma infidelidade*, *Carta de Heloaza a Abailardo* e *As duas desafortunadas*, que, como vimos, são capítulos de outros livros, os acontecimentos são narrados em épocas não sabidas, caracterizadas como distantes das que foram publicadas. Suas histórias são, no mínimo, curiosas: uma grávida que se mata, deixando uma carta para que salvem seu filho por uma cirurgia; uma freira apaixonada, que desiste de seu amor, de repente, ao visualizar duas sepulturas; e duas freiras que, numa conversa, descobrem terem amado o mesmo homem. Mas, da maneira como são apresentadas, em poucas páginas, sem introduções ou explicações prévias, com personagens e objetos providenciais, que surgem repentinamente e se perdem sem dar satisfações, seus enredos podem parecer totalmente inverossímeis. Até poderíamos relevar este fato, caso considerássemos que esses livros são, na verdade, traduções, capítulos recortados ou versões de obras francesas, portuguesas e inglesas, provavelmente alteradas e resumidas, o que muito compromete sua compreensão.

O fato é que seus enredos, formados por episódios avulsos, se mostrariam, então, pouco prováveis de acontecer com o leitor, que, pela ausência de quadros do cotidiano que o aproximassem do texto, não se identificaria com os personagens. Personagens, aliás, muitas vezes sem nome, quiçá sobrenome, contrariando as tendências dos romances de tom mais realista do século XVIII<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> Conforme anúncios dos periódicos consultados.

<sup>23</sup> Características do romance moderno, tais como o relato de acontecimentos verossímeis, vividos por personagens que apresentam particularizações e, ainda, a identificação do leitor com os mesmos, foram aqui tratadas com base na análise de Ian Watt sobre romance inglês, que definiu as inovações no método narrativo da prosa ficcional como “realismo formal”: “O método narrativo pelo qual o romance incorpora essa visão circunstancial da vida pode ser chamado seu realismo formal; formal porque aqui o termo ‘realismo’ não se refere a nenhuma doutrina ou propósito literário específico, mas apenas a um conjunto de procedimentos

Em certo sentido, livros como estes se assemelham aos da *Bibliothèque Bleue*, analisados por Roger Chartier<sup>24</sup>. É preciso, no entanto, lembrar que o público para o qual os livros da *Bibliothèque Bleue* eram produzidos, pessoas pobres mas alfabetizadas, não havia no Rio de Janeiro, se levarmos em conta os baixos índices de alfabetização. Mas, ainda assim, é possível encontrarmos algumas semelhanças entre estas

---

histórias romances ou contos que obedecem a certas estruturas narrativas, ao mesmo tempo descontínuas e repetitivas, que sobrepõem os fragmentos, empregam várias vezes os mesmos motivos, ignoram as intrigas complicadas, que requerem uma memorização exata dos acontecimentos, ou das personagens<sup>25</sup>.

---

Os livros da *Bibliothèque Bleue* eram compostos com uma fórmula editorial de reedição de textos já consagrados e escritos originalmente para um público intelectual e que, no processo de re-estruturação para que se tornassem mais acessíveis a um público de menores condições sócio-econômicas, obedeceram a certos requisitos, tais como a divisão do texto em parágrafos menores, a inserção de resumos e recapitulações, os cortes nos capítulos (principalmente das descrições) e a tentativa de simplificação das estruturas das orações.

Como acontece também com os romances aqui tratados, Chartier constatou que os livros franceses que analisou apresentavam tamanhos pequenos *in oitavo* e *in duodécimo*, com número de páginas variado e que poucos eram os livros com imagens no corpo do texto, sendo que alguns apresentavam uma gravura na folha de rosto.

Da mesma forma, nosso objeto de estudo poderia ser comparado com os *Chapbooks* de origem inglesa, produzidos no final do séc. XVII em Nova York, Filadélfia e Boston, que perduraram do séc. XVIII ao início do XIX e foram descritos por Victor

---

narrativos que se encontram tão comumente no romance e tão raramente em outro gêneros literários que podem ser considerados típicos dessa forma. Na verdade o realismo formal é a expressão narrativa de uma premissa que Defoe e Richardson aceitaram ao pé da letra, mas que está implícita no gênero romance de modo geral: a premissa, ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias.” (WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 27)

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand do Brasil. 1990.

<sup>25</sup> Idem. pp. 173-4.

Neuburg<sup>26</sup> como baratos e também pequenos, entre 12 a 16 páginas (às vezes chegavam a 150). Essas adaptações apresentam outras semelhanças com os romances estudados: os fatos de terem sobrevivido à concorrência da importação, que poderia significar uma melhor opção de compra, devido aos custos mais baixos; e a circunstância de que a maioria deles tenha desaparecido, restando alguns poucos exemplares com colecionadores. Por fim, também é comum a particularidade de catálogos de livreiros, oferecendo outros títulos, virem impressos no final de alguns volumes.

Dialogam com os *Chapbooks* e os livros da *Bibliothèque Bleue* também os romances anunciados como contos morais como *O bom marido*, *A boa mãe* e *A má mãe*, que se comparam com as adaptações e segmentos de outras obras até aqui tratados. Os contos, se assemelham ainda no que diz respeito ao culto à virtude, pois seus enredos são histórias de amor, de aventuras e de sofrimentos, cheias da presença marcante do moralismo, das críticas aos diferentes relacionamentos entre as pessoas e aos diversos costumes.

Em todos os casos descritos, observamos a interferência do editor na formatação das impressões, modificando o formato do livro, alterando a disposição do texto, inserindo ou retirando ilustrações, excluindo períodos longos e descritivos ou mesmo resumindo o conteúdo original. Tais procedimentos, denominados como *mise en libre* (produção de livros), de acordo com Roger Chartier, são do domínio da impressão e independentes do processo da escrita. O controle das edições derivadas ficaria, então, vedado ao autor da primeira versão e esta, após as diversas intervenções tipográficas já comportaria diferentes processos de leitura e compreensão.

Nos romances da Imprensa Régia do Rio de Janeiro certamente o *mise en libre* teria sido efetuado em Portugal, pela Imprensa Régia de Lisboa, uma vez que vários dos

---

<sup>26</sup> NEUBURG, Victor. "Chapbooks in America: Reconstructing the Popular Reading of early America" in DAVIDSON, Cathy N. *Reading in America: Literature and Social History*. Baltimore, London: The Johns Hopkins university Press, 1989. pp. 81-113.

títulos elencados ecoam publicações homônimas, com datas de edição anterior, idêntica ou próxima, mas impressos além mar<sup>27</sup>.

Não deixa de ser interessante imaginarmos qual seria o público para o qual esses romances foram publicados, lembrando que, no contexto dessas publicações, aqui habitava uma sociedade católica e totalmente agrícola, formada basicamente por uma Corte vinda de Portugal. Esta, cercada de funcionários públicos, cujos cargos foram atribuídos pelo monarca, e servida por uma massa de escravos analfabetos. Uns poucos comerciantes e artesãos completavam o quadro de moradores, sem, contudo, conseguirem compor uma burguesia forte. Supomos, então, que os leitores dos romances, e mesmo das adaptações e resumos baratos, eram esses nobres e poucos comerciantes, aqui instalados.

Essa suposição pode questionar algumas teorias sobre a o gênero romance, uma vez que, no Brasil do início do século XIX, a impressão de prosa ficcional, diferentemente do contexto europeu, não estava direcionada a um público de trabalhadores urbanos das indústrias, influenciados pela Reforma Protestante e pelos novos valores da burguesia, nem para os trabalhadores rurais, de pouca renda, mas que, muitas vezes eram capazes de ler, embora não soubessem escrever.

Pode, ainda, complicar algumas teorias sobre a questão da leitura, sobretudo as que relacionam o fator renda com certos tipos de texto, tidos como de maior prestígio, como a epopéia e as peças de teatro, por exemplo. Para os romances da Impressão Régia, como já comentamos, as teorias ligadas à renda seriam relativizadas, pois a classe hierarquicamente mais privilegiada dos moradores do Rio de Janeiro é que seria o público alvo de livros desprestigiados na época, em formato in 8º, com número de páginas reduzido e editoração voltada para a economia na produção e barateamento do preço.

Somando-se à questão da alfabetização no Brasil da época, restaria a dúvida quanto ao interesse em se imprimir, numa casa editora oficial do reino, romances, ou ainda, pequenas publicações mais parecidas com folhetos, editadas num contexto totalmente

---

<sup>27</sup> A discussão sobre a atribuição das publicações em prosa de ficção neste trabalho listadas à Impressão Régia do Rio de Janeiro será abordada num trabalho mais amplo a ser apresentado na Tese de Doutorado, ainda em elaboração.

diverso daquele em que se enquadram os livros descritos por Chartier e Neuburg, cujos leitores esperados eram os trabalhadores pobres alfabetizados.

### **Bibliografia**

ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos Livros*. Campinas. SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

\_\_\_\_\_. *História de Cordéis e Folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

BRAGANÇA, Aníbal Francisco Alves. *Eros Pedagógico: a função editor e a função autor*. Tese de doutorado apresentada a Escola de Comunicações e Artes – ECA. Universidade de São Paulo – USP, 2001.

CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*, Typographia Nacional, 1881

CAMARGO, Ana Maria de Almeida, MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia da Impressão Régia*, São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993, 2. Vol.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand do Brasil. 1990.

\_\_\_\_\_. "Do livro à leitura". In *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. "Crítica textual e história cultural - o texto e a voz, séculos XVI-XVII" In *Leitura: teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

DEMOUGIN, Jacques (direction de). *Dictionnaire des Littératures française et étrangères*. Paris: Larousse, 1994.

DRABBLE, Margaret & Stringer, Jenny. *Concise Companion to English Literature*. New York: Oxford University Press, 1996

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, Trad. do inglês Maria da Penha Villalobos e Lolio Lourenço de Oliveira, São Paulo, SP: T. A. Queiroz, EDUSP, 1985.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A Leitura Rarefeita*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991.

MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo Aprendiz*. São Paulo, SP: Ed. Nacional, 1975.

\_\_\_\_\_. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1979

NEUBURG, Victor. “Chapbooks in America: Reconstructing the Popular Reading of early America” in DAVIDSON, Cathy N. *Reading in America: Literature and Social History*. Baltimore, London: The Johns Hopkins university Press, 1989. pp. 81-113.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “Livro e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)” in Revista de História, Vol. XLVI (94), 441-457, 1973.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

### **Periódicos**

*Diário do Rio de Janeiro* (1821-1822). Microfilme. MEC – SEAC plano nacional de microfilmagem de periódicos Brasileiros – Fundação Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp).

*Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822). Microfilme. MEC - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Brasil – Serviço de Reprografia. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp).

*O Patriota: jornal literário, político, mercantil* 1813/1814. Impressão Régia. Rio de Janeiro. (Acervo do IEB - Instituto de Estudos Brasileiros, USP).